

# Blumenau

em Cadernos



TOMO XI - ★ DEZEMBRO DE 1970 ★ - N.º 12

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS  
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS  
SEGUINTE COOPERADORES:**

*Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Tabacos Blumenau S/A*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artex S/A*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz.*

*Empresa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Banco Brasileiro de Descontos S/A*

*Tecelagem Kühnrich S/A.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

*Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.*

# Blumenau *em Cadernos*

## AOS NOSSOS AMÁVEIS LEITORES

### Boas Festas Feliz Ano Nôvo

Com o presente número, "Blumenau em Cadernos" completa o seu XI Tomo.

Completam-se onze anos de árduo trabalho, de lutas às vêzes desesperadas para manter viva e atuante esta revista. A trajetória que vimos seguindo tem sido das mais difíceis, erichada de escolhos e percalços. Graças, entretanto, à generosa ajuda de algumas firmas industriais, de alguns particulares abnegados e dos nossos bondosos assinantes, temos podido levar para diante esta publicação. Temos certeza de que estamos, com ela, prestando um serviço às letras e à cultura catarinense. Isso nos tem custado um trabalho insano, um esforço, muitas vêzes, superior à nossa capacidade.

Os intelectuais que trabalham nesta revista, desde o seu diretor aos colaboradores, nada recebem pela sua cooperação. Fazem todo o trabalho de redação, gerência e distribuição, gratuitamente, sem qualquer interesse pecuniário. Não fôra isso, e nós há muito já teríamos desaparecido.

Agradecendo, nesta hora, a todos quantos, generosamente, dedicam um pouco da sua inteligência ou da sua economia à manutenção dêste mensário, que é, hoje, o maior repositório de notas históricas de Santa Catarina, (11 tomos com mais de 2600 páginas) apresentamos-lhes os nossos profundos agradecimentos, a nossa imorredoura gratidão. E a todos, benfeitores, assinantes e leitores apresentamos os nossos melhores votos de BOAS FESTAS de NATAL e de um ANO NÔVO próspero e feliz.

## “UM EXTRATO DAS REPORTAGENS DE CARL VON KOSERITZ”

Por Gustavo KONDER

Para início de crônica, transcrevo um pequeno trecho da biografia do extraordinário jornalista Carl von Koseritz, elaborada pelo eminente escritor e sociólogo brasileiro Afonso Arinos de Melo Franco:

“Carl von Koseritz nasceu em Dessau, na Alemanha, em 1830 e aos 21 anos (1851) veio para o Brasil, na tropa mercenária engajada por Sebastião de Rego Barros para o serviço do Império.

Deixando pais e irmãos na terra natal, cujo amor conservou por tôda a vida, chegou o jovem Carl, na qualidade de canhoneiro do 2º. Regimento de Artilharia. Passou, com seus companheiros, alguns dias no Rio, na caserna da Praia Vermelha, hoje desaparecida, e embarcou, em seguida, para o sul, de onde só deveria voltar 32 anos depois, já transformado em principal personalidade da colônia alemã e num jornalista e político que desfrutava de grande prestígio, mesmo fora dos círculos alemães.

Desde cedo Carl von Koseritz se lançou na vida da imprensa. A tropa alemã, como se sabe, pouco interveio na luta contra Rosas. Dispersou-se e dos componentes alguns terão regressado, enquanto muitos se enraizaram na terra, trabalhando no campo ou no comércio. Koseritz sentiu-se mais atraído pelo trabalho intelectual. Cinco anos depois de chegar ao Brasil já redigia, na cidade de Pelotas, um jornal, o “Noticiador”, e de então para diante foi fundador ou redator de dez fôlhas provincianas, de todos os gêneros: diárias ou periódicas; literárias, políticas, humorísticas, maçônicas... Desses jornais o mais importante foi sem dúvida, o “Koseritz Deutsche Zeitung” (1864/85), que teve grande difusão no Rio Grande, Paraná e S. Catarina, chegando a tornar-se o verdadeiro órgão de expressão do pensamento e das reivindicações dos alemães do Brasil Meridional”.

Faleceu em 30 de maio de 1890 e o ardoroso político Assis Brasil dedicou, no jornal “A Federação”, um longo e comovente necrológio.

Depois de 32 anos de ausência, o vibrante jornalista Koseritz resolveu viajar à Côte (Rio), afim de revê-la e ao mesmo tempo fazer reportagens para o seu jornal. Estas reportagens, mais tarde, foram reunidas num livro intitulado “Imagens do Brasil”, naturalmente em alemão. Sòmente em 1941 o eminente escritor Afonso Arinos de Melo Franco traduziu-o para a nossa língua e editou-o na Livraria Martins Editôra, de S. Paulo.

Pois bem, agora vou relatar alguns trechos colhidos das suas impressões, principalmente das que interessam à história da nossa querida comuna de Blumenau. Visitando, pela primeira vez, o Museu, estabelecido no Campo de Santana, à convite do seu diretor e sábio Dr. Ladislau Neto. Entre outras observações, anotou a seguinte: “Ali existe uma magnífica coleção de borboletas, talvez única na sua colorida variedade, e lá também está a coleção de insetos do sr. FRIENDENREICH - de Santa Catarina, feita com mais boa vontade do que com espírito científico. Ao contrário, altamente interessante e de grande valia científica é a coleção de moluscos brasileiros reunida

pelo Dr. FRITZ MÜELLER, que foi mostrada pelo sr. Schack, alto funcionário do Museu. Se o Museu tivesse dez colecionadores como os drs. FRITZ MÜELLER e von Ihering, e também dez funcionários como os srs. Schreiner e Schack, seria em breve um grande instituto. É ainda uma felicidade que Ladislau Neto reconheça o trabalho alemão e não se deixa dominar por um cego nativismo".

Noutra reportagem, relatou que, verificando as estatísticas oficiais das entradas dos imigrantes alemães, referente ao ano anterior de sua estadia no Rio (1883), que apenas entraram em nosso país 1.500 imigrantes enquanto que, para os Estados Unidos, entraram mais de 24.000 alemães, o que muito o alarmou. Resolveu então reunir-se na sede do jornal carioca "Deutsche Brasilianische Warte", fundado pelo famoso poeta suíço Dranmor, pseudônimo de Ferdinand Schmid, com os dois expoentes da colônia alemã no Brasil - Dr. HERMANN BLUMEAU, ex diretor da colônia de Blumenau, e Dr. Hugo A. Grabber, redator-chefe do aludido jornal (Nota importante: Dr. Blumenau deixou a direção da colônia de Blumenau em 1882 e, antes de voltar definitivamente para a sua pátria, estava residindo provisoriamente (mais de um ano) no Rio, hospedado na casa do seu cunhado Dr. Repsold, representante da Casa Krupp).

Depois de debaterem este grave problema, resolveram expedir circulares, assinadas pelos referidos promotores, tendo como cabeça o nosso inolvidável Dr. BLUMENAU, afim de distribuí-las aos responsáveis do governo imperial, bem como às principais personalidades da indústria, do comércio e da lavoura, convidando-as para constituir uma grande sociedade (com a finalidade de favorecer a imigração, principalmente a alemã) composta se possível de milhares de membros, que tomará à si fazer a propaganda da imigração pelo país, isto é, lutar pelas suas vantagens e exercer a necessária pressão sobre as câmaras e o governo, a fim de que as medidas absolutamente necessárias sejam tomadas. Ainda mais, aventaram a idéia da publicação de um jornal, da formação de uma comissão, do envio sistemático de boletins, que seriam as conseqüências da constituição desta sociedade. Alguns dias depois, na grande sala do Liceu de Artes e Ofícios, literalmente cheia (que muita gente teve de ficar no corredor), entre os presentes se encontravam eminentes homens do Estado, antigos ministros, senadores, deputados, etc., o jornalista Koseritz abriu a sessão com um longo discurso em que expôs as razões da iniciativa, mostrando as vantagens da imigração européia, especialmente da alemã, e citou como exemplo suficiente a enorme mutação que os imigrantes fizeram nos estados sulistas (Rio Grande e S. Catarina) e, terminando, que seria necessário formar uma diretoria definitiva para a organização, tendo proposto os nomes de Visconde de Barbacena, para presidente, e do Dr. A. Taunay, para secretário, que foram logo aclamados e empossados. Para a comissão de estatutos foram escolhidos o jornalista Koseritz, Dr. HERMANN BLUMENAU e dr. Hugo A. Grabber. A inauguração da sociedade deveria ser efetuada no dia 28 de outubro de 1883, com a presença de S. M. o Imperador. Aqui termina a reportagem publicada neste famoso livro que nos lembra mais uma vez a contribuição do nosso inolvidável e incansável batalhador - Dr. HERMANN BLUMENAU - antes de partir definitivamente para a Alemanha.

# DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES

Ayres GEVAERD

## Relojoaria Gevaerd - 60 anos

Em 1909 meu pai, terminado o aprendizado na Casa Carlos Mayer, em Florianópolis, voltou a Brusque para instalar, no ano seguinte, a primeira relojoaria na então Vila. Com papai, entre outros, trabalharam na tradicional Casa Mayer, hoje com outra atividade comercial, Jayme Luz, Carlos Schloesser e Paulo Baier.

Firma importadora, Carlos Mayer tinha largo conceito em todo Estado, tendo sido provavelmente a primeira fornecedora de quantas relojoarias e ourivesarias se instalaram em Santa Catarina. Além de relógios, importava bijouterias, fonógrafos, discos, instrumentos musicais, armas, bicicletas, etc.

Ao estabelecer-se, papai colocou em lugar destacado um relógio "Gustav Becker", de precisão, com um pêso, presente de seu patrão, hoje ainda em pleno funcionamento.

As compras a princípio, eram feitas parte a dinheiro e parte a prazo mais ou menos longo e retiradas pessoalmente em viagens feitas a cavalo, que demandavam de 4 a 5 dias, pois a permanência era demorada com visitas a parentes e colegas.

O cavalo cedeu lugar à carroça, depois ao carro de mola e finalmente ao famoso "Benz" de Guilherme Niebuhr, que instalou a primeira linha regular entre Brusque e Florianópolis.

As mercadorias quando não transportadas pessoalmente na forma citada, devido seu volume, eram despachadas até Itajaí. Daí redespachadas para Brusque, pelo rio, em lanchas que transportavam mercadorias mais volumosas.

Antes de instalar a loja, papai arrumara o sótão da casa de seus pais que então residiam na rua Engenheiro Taulois, atendendo unicamente consertos.

A primeira compra na Casa Carlos Mayer feita no dia 1 de março de 1910, totalizou 556\$700, reunindo bijouterias, relógios, ferramentas para relojoeiro, gramofones, etc.

Dos relógios, 8 eram de parede, de procedência norte americana e inglesa cujo custo aproximado era 20\$000 cada um. Hoje são muito procurados para ornamentar residências e seus novos donos "calculam" a antiguidade em mais de 100 anos!

Os relógios mais vendidos então eram os citados e os de procedência alemã (Junghans e G. Becker); os de bolso (systema Roskopf e Felsenburg); os despertadores com sineta e música. As bijouterias mais famosas eram de procedência americana (Krementz), alemã e francesa (Murat). Outras bijou-

terias como por exemplo, anéis "elétricos" eram muito procurados pois tinham virtudes curativas. Curavam o "ar" (espasmos nervosos), reumatismos, dores de cabeça e outros males. Esses anéis, na parte interna eram de chumbo com dois ou 3 fios de cobre e na parte externa folheados a ouro que ficava, segundo se dizia, escura logo que a doença era curada. Medalhas desmontáveis que permitiam colocar pequenas fotografias, medalhas "olhos de Santa Luzia", figas, alianças de prata e muitas outras bijoutherias que ainda hoje aparecem para serem consertadas.

Em 1912 cuidou meu pai de aumentar a variedade de mercadorias, incluindo bicicletas, espingardas e pistolas, discos e gramofones, gaitas de bôca e de mão com 8 baixos e 21 pontos das afamadas marcas alemãs Hohner e Bach. Ficava muito intrigado e até hoje não compreendi a razão da necessidade de ser alterada uma lâmina na escala musical de tôdas as gaitas que então eram vendidas. Sei que existia um cidadão que "semi-tonava" aquela lâmina.

O número de fornecedores em Florianópolis também aumentou: Otto Dornbuch, Otto Ebel, José Moritz, André Wendhausen, Paulo Baier (1923). Anos mais tarde, com a chegada de viajantes das grandes casas comerciais de São Paulo e Rio de Janeiro, o mercado atacadista da capital passou a plano secundário, declinando gradativamente.

Ainda em 1912 papai arriscou uma importação de relógios de parede da Alemanha, junto com Carlos Mayer. Infelizmente ao serem embarcadas em Itajaí na lancha de José Knih, esta foi ao fundo, fato que ocorreu em 6 de dezembro. O total da compra atingiu 310\$600, tendo Carlos Mayer concordado, generosamente, em perder a metade. Ao tempo da linha Guilherme Niebuhr, papai freqüentemente viajava ao Destêrro (êle não reconhecia Florianópolis), aliando negócios e afeições familiares, pois lá residiam numerosos parentes, com os quais tinha estreitas relações, principalmente com Pedro Gevaerd, tio, chefe de uma das mais numerosas famílias de Santa Catarina.

Por volta de 1914/15 papai recebeu de seus sogros, terreno na rua Barão de Ivinheima, atual Carlos Renaux. Nesse terreno construiu modesta casa para residência e negócio, que demoliu logo depois para construir bonita casa, com maior conforto.

Em 1920/21, atendendo sugestões de familiares, instalou sem ter os necessários conhecimentos, uma pequena fábrica de cigarros, feitos a mão em dependência da casa residencial de seus pais. Lembro-me que encerrou essa atividade meses depois, com prejuízos que custou a cobrir. Fabricava duas marcas: "Brusquense" e "T.G. n.º. 317".

Em 1923/24 associou-se a Luiz Krause, montando uma torrefação e moagem de café, o famoso "Caboclo", vendendo pouco depois a sua parte à firma Guilherme Strecker. Com o produto dessa venda construiu o prédio que hoje é ocupado pela Relojoaria, servindo o sobrado de residência familiar.

Com seu irmão Arthur, em 1935/36 abriu loja de fazendas e armarinhos, aproveitando dependência dos dois prédios, negócio que transformou depois de 3 anos em adicional à relojoaria, ampliando o estoque de artigos para presentes.

No dia 1º de abril de 1941 transferiu, por venda, sua casa comercial e oficinas a seus filhos Harry e Ayres, continuando a tradição iniciada em 1910.

Papai, mesmo transferindo seus bens comerciais, não deixou a banca de relojoeiro. Quando acumulavam os consertos êle ajudava, dentro de suas possibilidades. Observei então um sintoma com relações à sua visão que ia desaparecendo aos poucos. Era dotado de boas condições técnicas em consertar relógios de bôlso e pulso, inclusive torneava peças que hoje facilmente são encontradas bastando uma simples referência do relógio. Com o passar dos anos, observara a gradação da lupa que usava, cada vez mais forte e aos poucos foi deixando os relógios pequenos de lado, passando a cuidar de despertadores e no fim os de parede. Lamentava-se da má visão e da impossibilidade de continuar trabalhando na profissão que tanto amava.

Quando deixava suas ocupações domésticas, criando aves e cuidando de pássaros em gaiolas, papai procurava a loja, que percorria, postava-se na porta ou passeava pela calçada, assobiando modinhas de seu tempo, hábito que lhe era peculiar. Possuía cadeira na oficina, ocupada com a chegada de visitantes habituais com os quais cuidava de corrigir, em discussões que quase sempre se tornavam acaloradas, a Sociedade, as Tradições familiares e principalmente o Brasil, irremediavelmente condenado, prestes a cair no abismo. As medidas eram as mais drásticas possíveis, inclusive pena de morte, por fuzilamento, em praça pública.

Faleceu na noite de 24 de junho de 1966, com 81 anos incompletos dos quais 50 dedicados ao comércio.

○ livro de Fritz Müller "Fur Darwin" no qual o sábio blumenauense aduzia muitos argumentos científicos em abono da teoria da Evolução das Espécies pela Seleção, foi publicado em 1864, na Alemanha. De tal importância eram os argumentos do sábio que Charles Darwin mandou traduzi-los para o inglês por Mr. Dallas, sob o título, sugerido por Sir C. Lyell, de "Facts and arguments for Darwin" ("Fatos e argumentos pró Darwin") e foi publicado em 1869. Assim, o Brasil foi o primeiro país do mundo a se manifestar, através de Fritz Müller, favoravelmente à discutida teoria do cientista inglês.

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

**Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina**

— *Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr\$ 10.00* —

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

# BLUMENAU

## E A SUA IMPRENSA

LXV

### “O VALE DO ITAJAÍ”

Os dois grandes periódicos blumenauenses, o “Blumenauer Zeitung” e o “Der Urwaldsbote”, que durante meio século haviam trazido o município de Blumenau, então estendendo a sua jurisdição sobre uma superfície de mais de doze mil quilômetros quadrados, haviam deixado de existir. Providências do governo brasileiro, tomadas em consequência da situação política européia e dos seus reflexos nas colônias alemãs no sul do Brasil, criaram tais dificuldades à impressão e circulação daqueles jornais, redigidos exclusivamente em língua alemã, que tornaram, praticamente, impossível a sua sobrevivência.

A região do Vale do Itajaí passou então a contar com apenas dois jornais em língua portuguesa, a “Cidade de Blumenau” e “A Nação” sem contar os que se publicavam em Itajaí, Brusque e Rio do Sul.

O desenvolvimento intelectual e cultural, entretanto, ia se acentuando de dia para dia, de sorte que o campo se apresentava favorável a novas tentativas de lançamento de outros órgãos de publicidade.

Valeu-se dessa situação o engenheiro agrônomo Osias Guimarães, aqui residente. Organizou uma sociedade, convidando para a presidência desta o sr. Alfredo Campos, então no exercício do cargo de Prefeito Municipal.

Campos, apesar de pouco assíduo nas colunas da imprensa local, é, ainda hoje, um intelectual de grandes méritos, principalmente pela maneira escorreita, leve e agradável com que escreve. É um entusiasta, também da cultura jornalística, tendo, tanto na chefia do executivo municipal, como nos demais cargos que exerceu e ainda ocupa, incentivado a criação e o desenvolvimento de outros órgãos de imprensa.

Resolveu-se, assim, a fundação de uma revista. O empreendimento era bastante arrojado para a época e para Blumenau daquele tempo, que contava com escassos recursos para a impressão de um órgão desse gênero.

Superadas as primeiras dificuldades, surgiu o primeiro número de “O Vale do Itajaí” a 28 de fevereiro de 1945. Bem feita e bem impressa, com 32 páginas bem ilustradas, a revista trazia matéria muito interessante e variada, desde as notas sociais aos comentários políticos e econômicos. Da apresentação consta: “Vencemos um grande obstáculo e temos a satisfação de apresentar ao Estado de Santa Catarina a sua primeira revista. Entretanto, é justo assinalar, contamos com a boa vontade de pessoas que direta ou indiretamente, nos auxiliam nesta árdua tarefa”. Depois de citar os nomes dessas pessoas, continua: “Encontramos, também, os derrotistas, os eternos pessimistas, aqueles que põem dificuldades em tudo que se procura

fazer, os que olham o interêsse individual acima do bem estar da coletividade". E termina: "Sentimo-nos no momento como os pioneiros que fundaram esta região. À nossa frente deparamos com obstáculos de tôda espécie, dificuldades que teremos de vencer, mas, temos a certeza absoluta de que um dia conseguiremos o nosso objetivo. Por uma razão muito simples: esta revista pertencerá aos homens que fizeram o Vale do Itajaí"

E, realmente, a revista prosperou de tal forma que, subsistindo até hoje, com nôvo título, é um dos mais destacados órgãos de divulgação do sul do país.

Seu primeiro número, com capa a duas côres, apareceu no formato que conserva até hoje, 23,5 X 31,5 cm. Aparecia, com algumas interrupções, mensalmente.

Desde então, vem "O Vale do Itajaí" melhorado sempre na sua feição material e ampliando as suas seções literárias, prestando assinalados serviços à divulgação das cousas de Blumenau e de Santa Catarina. Alheio à política partidária e afastado de lutas religiosas, pôde êsse órgão de imprensa impor-se à consideração geral.

Em fins de 1949, com aquisição de material nôvo, melhorou a sua feição material, apesar do número 57, de dezembro daquêle ano, ter aparecido em forma de jornal, formato 33 X 48,5 cm. com 20 páginas

O número de 2 de setembro de 1950, foi inteiramente dedicado às comemorações do centenário da fundação de Blumenau. Com nada menos de 218 páginas e muitas ilustrações, traz colaboração dos mais destacados intelectuais e historiadores blumenauenses, como Malta Ferraz, J. Ferreira da Silva, Frei Estanislau Schætte, Curt Hering, Elizabeth Scholz, Eduardo Hoehram, João Medeiros e outros. O número seguinte, também volumoso, foi dedicado ao noticiário dos festejos do centenário. Êstes dois números constituem-se num interessante e valioso repositório de informações históricas.

Com o número 76/77, de janeiro e fevereiro de 1952, passa a revista a adotar o sub-título de "Revista do Sul", inscrito sôbre o título "O Vale do Itajaí".

O primeiro número da revista foi impresso nas oficinas da Gráfica 43. Outros o foram nas oficinas da "Cidade de Blumenau" e outros na "Gráfica Baumgarten", de Itoupava Sêca.

Em 1948 já possuía oficinas próprias, graças à ajuda do industrial Curt Hering, de saudosa memória, e um dos grandes propulsores da imprensa e de todo o progresso do município.

Em 1951, exigindo a sua expansão uma melhor apresentação, a revista passou a ser teita na Gráfica Grajaú Ltda. e, em abril de 1953, com o número 89, sofreu profunda alteração, que atingiu até mesmo o título. "Revista do Sul" passou a figurar como título principal, passando "O Vale do Itajaí" para o sub-título. Diz o seu diretor no final das razões com que comunica e justifica as modificações:

"A Revista do Sul" (O Vale do Itajaí) editada em Blumenau e com escritório geral no Rio de Janeiro, para impressão e distribuição, será

parte integrante do nobre povo blumenauense, a quem soube honrar no passado e saberá fazer o mesmo no futuro”.

“Revista do Sul” continua a circular e, sob a direção e redação de Osias Guimarães prossegue prestando assinalados serviços a Santa Catarina e a todo o sul do país, orientada por relevantes propósitos e voltada inteiramente para o crescente desenvolvimento econômico e moral da comunidade em que veio à luz e a que tem servido lealmente.

## LXVI

### “O FERROVIÁRIO”

Em 1945, funcionários da Estrada de Ferro Santa Catarina, no propósito de defender os interesses da classe e a de proporcionarem-lhe oportunidade de leitura mais chegada às suas preferências e de conhecer, através noticiário especializado, o que se passasse no campo das ferrovias brasileiras, fundaram um jornal com o título de “O Ferroviário”.

Foi seu diretor e orientador o professor Joaquim Salles, secundado por Luiz Reis, Mário Sada, João Vieira e outros.

Entretanto, êsse jornal, nessa fase (êle retornou à publicidade em 1959) teve vida muito curta. Segundo nos informa o citado professor Salles, não saíram mais de quatro, ou cinco números.

Trataremos, com mais minúcias, dêsse jornal, quando analisarmos a sua segunda fase.

Não conhecemos nenhum número dessa primeira etapa de publicação e ficaríamos muito gratos aos leitores que, porventura, pudessem fornecer-nos maiores detalhes sôbre êsse periódico, ou conseguir-nos, pelo menos, um número dêle.

## LXVII

### “CIDADE DE BLUMENAU (EDIÇÃO ESPORTIVA)”

A 3 de setembro de 1945, surgiu o primeiro número do primeiro jornal blumenauense dedicado inteiramente aos esportes. Foi seu fundador e primeiro diretor, o sr. Milton Camargo de Oliveira. Por ser impresso e, praticamente, subordinado à direção do jornal “Cidade de Blumenau”, a nova fôlha adotou o mesmo título, acrescentando-lhe o sub-título de “edição esportiva”. Como diretor responsável figurava o dr. Aquiles Balsini.

Apareceu, regularmente, às segundas feiras, com 4 páginas, algumas vezes em papel colorido e no formato de 33 X 48 cm.

Milton Camargo de Oliveira permaneceu na redação até o nº 9, de 5 de novembro daquele ano. Já com o número 10, passou a figurar como redator-gerente, o sr. Antônio Bertoli. O “Expediente” dêsse número, na 4ª página, é encabeçado pelo título de “Cidade Esportiva”, seguido de “órgão independente especializado em esportes, fundado em 3/9/1945”. João Vieira passou então a figurar como secretário.

O número avulso era vendido a Cr\$ 0,50 e o atrasado a 1,00.

Com o n.º, 13, Antônio Bertoli passou a ser redator-chefe, entrando para a gerência Waldemar Farinhas, mas, já com o n.º 16, de 7 de janeiro de 1946, Farinhas é substituído na gerência por Evelásio Vieira.

Antônio Bertoli deixou a redação em fevereiro, substituindo-o, do n.º 21 em diante, Luiz Reis, continuando Evelásio Vieira na gerência e João Vieira na Secretaria, mantendo uma interessante coluna, "De segunda a segunda", sob o pseudônimo de "Mano Jango".

Com o n.º. 33, altera-se o quadro de diretores: Maurício Xavier entra como diretor-gerente e Luiz Reis, Antônio Bertoli e João Vieira como redatores.

A assinatura anual passa a ser fixada em Cr\$ 30,00 e no "Expediente" do n.º. 42, o nome do diretor-gerente Maurício Xavier é substituído pelo de Carlos Campos.

"Cidade de Blumenau Esportiva" não teve mais que um ano de vida, pois com o número 48, ao entrar no segundo ano de existência, deixou de circular. Já haviam, então, deixado a redação Luiz Reis e João Vieira, permanecendo, apenas, como redator Antônio Bertoli.

Foi pena êsse desaparecimento, porque o jornal prestava, realmente, bons serviços ao mundo desportivo blumenauense. Mesmo nas suas críticas a técnicas de jogos, à administração de sociedades, à direção da confederação e à atuação de jogadores sempre procurou ser serena e imparcial.

O senhor João Vieira possui a coleção completa dêsse periódico.

---

## **DESTINO DE INDÍGENAS**

Seria interessante acompanhar-se a vida de algumas crianças indígenas que, nos fins do século passado e nos começos dêste, foram capturadas pelas turmas de bugreiros, nas batidas feitas aos pousos, no interior do município, e entregues a famílias desta e de outras cidades, para criá-las e educá-las.

De uma delas, Benedita Inglat, já traçamos a história no Tomo III, pag 229 de "Blumenau em Cadernos".

Hoje, nas linhas seguintes, damos o destino de outra indiazinha, capturada nas florestas blumenaenses, por volta de 1908. Infelizmente, a história desta é bem diferente da de Benedita Inglat. Esta foi mãe e esposa exemplares, excelente dona de casa, prendada, virtuosa. A pequena "Wat", ao contrário, teve uma vida desregrada e um fim cruel.

Tratando-se de caso que envolve uma família cujos descendentes ainda vivem neste Estado, não citaremos nomes. Mas podemos assegurar que o fato é absolutamente verídico e nos foi narrado por pessoa de absoluta confiança e confirmado por velhos moradores desta cidade.

Eis o caso, que bem se prestaria para enredo de romance ou novela radiofônica:

O casal FF. adotou uma das bugrinhas que foram apanhadas em uma batida, dada por Martinho Bugreiro, em 1900 e tantos.

Essa menina, que era filha do cacique Kam-Rem, foi tratada com todo carinho, Deram-lhe instrução e educação esmeradas. Chamavam-na Wat Isso porque, em casa dos FF. só se falava alemão e à menina também foi ensinado êsse idioma. Mas, nem sempre, ou quase sempre, não entendendo bem o que lhe diziam, a menina perguntava, pronunciando mal a palavra alemã, por um natural defeito de dicção, "Was?" (que quer dizer : Que?, o que?).

Wat cresceu como se fôra da família, cercada dos mesmos cuidados que o casal dispensava aos próprios filhos, que eram muitos.

Quando ela já estava mocinha, os FF. mandaram ensinar-lhe corte e costura, completando-lhe, assim, o ensino de prendas domésticas.

Para tanto, arranjaram-lhe uma professôra que residia em Itoupava Sêca. Para que ela fôsse, nos dias das lições, até Itoupava, distante alguns quilômetros da residência dos FF., êsses mandavam-na de carro de mola.

Tudo foi bem, até que um dia, em que havia chovido muito, deixando a estrada para Itoupava em mau estado, lamacenta e escorregadia Wat não regressou na hora prevista. Da expectativa, a família passou ao sobressalto. Imaginaram-se mil coisas que poderiam ter sucedido à pupila índia. Esperaram até a noite, até o dia e os dias seguintes. Saíram à procura da bugrinha, mandaram emissários, fizeram indagações e nada! Passaram-se semanas e meses e perdurava o mistério.

Até que um dia FF. recebem notícias de que a pupila encontrava-se em Joinville, hospedada em uma casa de prostituição, entregue à degradante profissão.

FF. dispuzeram-se a ir buscá-la, fazê-la retornar a Blumenau, mas amigos mais experimentados e mais prudentes, dissuadiram-os disso.

Prostituída. Wat encheu-se de moléstias venéreas, reduzida a um estado lamentável que, os que ali, a exploravam, viram-se na contingência de expulsá-la do bordel.

Aconteceu que um médico alemão, que se encontrava em Joinville, apiedou-se dela e assentou de tratá-la; no que pôs todo empenho e tôda a sua experiência. Cuidou dela, medicou-a, curou-a depois de vários meses de tratamento.

Depois, entregou-a aos cuidados da família do Cônsul Inglês em São Francisco do Sul, em casa de quem ela encontrou, igualmente, muito afeto e compreensão.

Aconteceu, entretanto, que aportou a São Francisco, pouco depois um navio da marinha de guerra brasileira, com uma equipagem de mais de uma centena de marinheiros. Numa de suas idas à terra, um sub-oficial, passando pela rua em que morava o Cônsul, viu a índia à janela. Voltou uma, duas, três vêzes. Impressionou-se com a figura da moça. Depois de algumas tentativas fracassadas, conseguiu, afinal, falar com ela e concertaram amaziar-se. A belonave seguiria ainda para o sul, mas, por ocasião do seu regresso, o apaixonado sub-oficial deixaria passagem para que a índia seguisse para o Rio de Janeiro, num dos navios do Loide Brasileiro.

Assim aconteceu e, na então capital da República, os dois passaram a viver juntos.

Depois de meses de vida em comum, o sub-oficial foi forçado, pela própria condição de marinheiro, a participar da viagem do seu navio ao exterior. Antes que o navio deixasse o Rio, o apaixonado marujo encarregou três amigos de vigiarem o comportamento da amante e partiu cheio de saudades.

Ao ver-se de regresso ao Rio, ansioso por estreitar nos braços a companheira, o marujo procurou, antes, saber dos seus amigos o resultado a que haviam chegado no acompanhar os passos da amante índia.

De princípio, os amigos procuraram contornar a situação com evasivas e informações dúbias, que não afirmavam nada, mas também nada negavam. Um deles, porém, mais positivo, resolveu pôr as coisas em pratos limpos e disse, francamente, ao marujo, que o comportamento da índia, durante sua ausência, fôra o pior possível e que ela o enganava sempre que encontrava oportunidade.

Furioso, o amante ludibriado, armado de uma peixeira, partiu para o casa da índia, disposto a lavar com o sangue da perversa o vexame a que o submetera. Prevendo isso, entretanto, os amigos conseguiram, a muito custo, tirar da cabeça do marinheiro os seus trágicos desígnios.

Mas êle nunca mais voltou à casa da amásia, abandonando-a.  
E ela voltou para a zona do meretrício.

Anos depois, a família FF. recebeu uma carta, que alguém ainda tem em seu poder, cedida que lhe foi pelos destinatários.

Nessa carta, escrita em alemão, comovente, profundamente triste a moça índia comunica que está num leito da quarta enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, à espera de que a morte a livre dos sofrimentos por quê as moléstias, com que se contaminara, a faziam passar. Agradecia, comovidamente, o bem que FF. lhe fizeram, criando-a e educando-a e pedindo-lhes perdão pelos desgostos e amarguras que as suas loucuras lhes haviam causado.

Wat morreu miseravelmente naquele nosocômio e foi sepultada como indigente.

---

## DR. LUIS B. PAES LEME

Ayres GEVAERD,

Uma das mais perfeitas e importantes administrações de Brusque, em todos os tempos, foi a do Diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme, como se verá nestes registros cronológicos, retirados de documentos originais que pertencem à Sociedade Amigos de Brusque.

1872

2.3. — Toma posse da direção das Colônias Brusque e Príncipe Dom Pedro, o Dr. Luiz Betin Paes Leme.

14.3. — O diretor, em carta dirigida ao presidente da província, expõe a situação das Colônias Brusque e Príncipe Dom Pedro. Em plano destacado situa o grande número de engenhos de serra espalhados pelas colônias. É grande o abuso dos donos desses engenhos que possuem muitos lotes dos quais aproveitam tão somente as matas, abandonando a lavoura. Reuniu os donos das serrarias impondo-lhes condições com respeito às derrubadas, restringindo-as ao mínimo, visando impedir desmatamento muito rápido e descontrolado.

20.3. — Moradores da rua das Carreiras requerem a conclusão das obras de desvio do rio Itajaí Mirim, visto cada enchente prejudicar os lotes dos suplicantes, fazendo cair as margens altas. Assinam o documento: Guilherme F. Krieger, Franz Vohs, Johan Olinger, Manuel Raymundo, J. Bohn e Josef Galm. O pedido foi atendido e as despesas atingiram 269\$000.

20.4. — Na Casa Pastoral da Comunidade Evangélica, o Pastor Henrique Sandreszky ministra a primeira aula de sua escola.

21.5. — Paes Leme recebe requerimento dos colonos José Schlin-dwein, Francisco A. Day, Catarina Dinkelbourg, Regina Klockenkemper, Luiza Ostrenger, Anna Olhafen, Roberto Schmidt, Barbara Schefer, Augusto Peters, Jorge Prim e Eduardo Bachmann, os quais, em 1870, por ofício, solicitaram do Governo da Província sua atenção e providências junto ao Governo Imperial para que lhes fôsem concedidas as gratificações e mais vantagens garantidas por Decreto por serem Voluntários da Pátria. O diretor endossou o pedido por considerar justas e até sagradas as reivindicações desses colonos e viúvas.

20.5. — O Revmo. Padre Gattone pede ao diretor para que a verba de 300\$000 destinada à Capela da Colônia Príncipe Dom Pedro (Águas Claras) seja empregada na reedificação da Capela de N. S. do Bom Socorro que é a primitiva da Colônia Brusque. Paes Leme acolhe e encaminha o pedido achando-o justo.

30.5. — O médico das duas colônias Dr. Hartvigo F. E. Rambusch solicita verba para custear o tratamento de um cavalo que serve para visitar doentes residentes no interior visto residir na sede da Colônia Brusque. Paes Leme encaminhou o pedido ao Governo da Província.

Maio — O diretor Paes Leme encarece junto ao Ministério da Agricultura e presidente da Província, a necessidade urgente de dotar as Colônias com engenhos de açúcar e farinha visando estimular o desenvolvimento agrícola. Destaca que a manutenção das duas Colônias dão sérios encargos aos cofres da Nação e menciona o sistema de colonização adotado no Brasil com auxílios aos colonos, que nada mais se tornam do que simples pensionistas do Estado.

Maio — Fundada pelo diretor a Associação Agrícola das Colônias Brusque e Príncipe Dom Pedro.

Maio — O diretor Paes Leme contrata com Manoel Sebastião Bittencourt a construção, por 450\$000 de uma balsa permitindo passagem no rio Itajaí Mirim na estrada para a vila de Itajaí.

19.6. — Solicita Paes Leme, em carta ao presidente da Província Guilherme C. Coelho Cintra, atendendo conselho do médico Dr. Rambusch,

vacina para as crianças das duas Colônias em vista do surto de varíola que grassa na vila de Itajaí.

2. 7. — Os colonos Henning Joenck, Guilherme Wandrey, Ferdinando Joenck, Adolpho Bruns, Felipe Lang, Henrique Carlos Debatin, Antônio Boos, Henrique Schefer, moradores em vários distritos das duas colônias, requerem ao presidente, com aprovação do diretor Paes Leme, arados para seus trabalhos agrícolas.

27. 7 — O diretor Paes Leme, em carta dirigida ao Barão de Itáua, Ministro de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, denuncia as manobras da Agência Geral de Imigração para o Brasil, Berger & Marschhauser — Rua Nova do Ouvidor n° 2 no Rio de Janeiro, tentando colonos alemães para se retirarem das Colônias com destino a outras, afirmando que possuem melhores terras para cultura. Serve-se a referida firma de um sr. Test, negociante na Colônia, como intermediário.

1.8 — Paes Leme solicita auxílio do Govêrno da Província que permita terminar a Casa de Orações da Comunidade Evangélica. Destaca o esforço dos Católicos e Evangélicos no sentido de edificarem sua Igreja e Casa de Orações, respectivamente.

4 de Outubro — Realiza-se na sede da Colônia a 1a. Exposição Colonial das duas Colônias promovida pela comissão: Dr. Luiz Betin Paes Leme, Pastor Henrique Sandreszky e Paulo Schwartz. Presentes o Presidente da Província Pinheiro Cintra, o Barão da Passagem, Dr. Manoel E. Correia — Chefe de Polícia, Manoel da Silva Mafra — advogado, Comandante Bitencourt Cotrin, Gonçalves de Oliveira, Arthur Alvin e Julio Melchior Trompowsky. (Nos arquivos da S.A.B. existe um Diploma da referida exposição com uma fotografia das personalidades citadas e autoridades locais).

— Por ocasião da instalação da Primeira Exposição, foi inaugurado o primeiro Jardim Público de Brusque que compreendia a área hoje ocupada pelo Ginásio Honório Miranda até e residência da Sra. F. Amann e imediações, ou seja, tôda faixa marginando o rio.

### 1 8 7 3

Maio - O diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme, Maximiliano von Borrowky (secretário da administração colonial) e Elise Sandreszky (espôsa do Pastor Evangélico) servem de padrinhos a Karl Ludvig Georg Maximiliano, filho do engenheiro da Colônia Leo Arnoldi e de sua mulher Regina, batizado realizado na Casa de Orações Evangélica,

Julho - Iniciam-se as atividades comerciais da "Casa de Negócios" de Eduardo von Buettner.

10 de junho - É lançada a pedra fundamental da Igreja Evangélica na sede da Colônia.

31 de julho - A Lei Provincial n.º 693 dessa data desmembra o território das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro da "Freguezia do Santíssimo Sacramento do Itajaí" para formar nova Freguezia sob a denominação de São Luiz de Gonzaga.

Outubro - Realiza-se a Segunda Exposição de produtos Agrícolas das ex-Colônias Itajahy (Brusque) e Príncipe Dom Pedro.

É sempre interessante, reler um jornal velho "dos bons tempos" tempos bons para nós que naquela época éramos moços e com o pouco que ganhávamos, podíamos comprar tudo que precisávamos, e, no fim do mês ainda dispúnhamos de algumas economias, isto porque, outras tantas e tantas coisas ainda não existiam ou achávamos que não eram estritamente necessárias. Naqueles tempos ainda não havia lambretas, geladeiras elétricas, rádios com eletrolas ou portáteis transistorizados, televisores, aparelhos de ar condicionado, cadillacs e outros automóveis de luxo e sabe lá o que tudo mais, que uma pessoa hoje julga *precisar ter*, para ser considerada civilizada e pertencente à "high society".

Temos ante nós a coleção do "Blumenau Zeitung" do ano de 1920 e como primeira curiosidade constatamos que o primeiro número do referido jornal, daquele ano, veio com "um ano de atraso", pois o tipógrafo, talvez ainda um pouco sonolento do baile de São Silvestre, ou o que é mais provável, com a pressa de chegar cedo ao salão de dança no último dia do ano de 1919, esqueceu-se de mudar este número indicativo do ano, para 1920, e assim o N.º 1 do novo ano saiu com a data de "Quinta-feira, 1.º de janeiro de 1919". Mas como até os maiores crimes prescrevem em 20 anos, não vamos censurar o tipógrafo, nem o revisor por esse "cochilo", pois errar é humano e só é reprovável persistir no erro, o que, felizmente, não aconteceu, pois já o 2.º número do jornal traz a data certa, ou seja "Segunda-feira, 5 de janeiro de 1920".- Mas deixemos de lado este insignificante lapso e vamos reviver aqueles tempos idos.

Janeiro de 1920 - Política - Relata o jornal : *nôvo palácio para o Senado*. O Senador Ellis, que já há tempos se vinha batendo pela construção de um novo palácio para o Senado, voltou novamente ao assunto, declarando que - "a nação já se sentia envergonhada em ter que tolerar que os Representantes do Povo continuassem a reunir-se num barracão velho, quando já há muito que este edifício, já em ruína, deveria ser substituído por um palácio para o Senado, mesmo sendo escasso o dinheiro. Os projetos do Senador Ellis, um mais fantástico do que o outro, causaram severas críticas, tendo mesmo um orador declarado que em primeiro plano o próprio Senado deveria reformar as suas atitudes e cuidar primeiramente para que o dinheiro do povo fôsse aplicado sem desperdício.

Em face dessas discussões foi aprovado um projeto na Câmara dos Deputados, segundo o qual deveria ser construído um prédio comum para as duas casas do Congresso. O Senador Dr. Lauro Müller, declarando-se, em princípio, favorável à construção de um só edifício para as duas casas legislativas, objetou que o momento para a execução não era o mais favorável, em vista da péssima situação financeira do país. Uma votação secreta apresentou o seguinte resultado: 25 Senadores votaram contra a execução do plano e 14 a favor. Quarenta anos mais tarde, inaugurou-se, em Brasília, o Palácio do Congresso em linhas arquitetônicas que o Senador Ellis, nem em sonho poderia ter imaginado.

*Notas locais:* Em fins de dezembro de 1919 uma comissão composta dos Srs. José Deeke, Pastor Gabler, Victor Gaertner, Padre Oswaldo

Schlenger e Alvin Schrader, iniciou uma ação para socorro às vítimas da 1ª. Guerra Mundial, que passavam fome na Alemanha. A mesma comissão publicou a seguinte tabela de preços para pacotes de gêneros alimentícios para os necessitados na Alemanha ou na Áustria.

PACOTE "A": Contendo - 1 kg de café, 1 kg de açúcar, 1 kg de arroz, 1 kg de banha, 1 kg de sabão, - 9\$000 (CR\$0,09) + despesas de remessa : Rs 5\$000 (CR\$ 0,05) Total : Rs 14\$000 (CR\$ 0,14).

PACOTE "B": Contendo 2 kg de banha, com presunto; 1 kg de mel de abelha; 1 kg de sagú; 1/2kg de fumo em fôlha : Rs 10\$000 (CR\$ 0,01) + despesas de remessas : Rs 5\$000 (CR\$ 0,05) - total Rs 15\$000 (CR \$0,15)

*Operação "PRÓ CEARÁ"* : Sr. Luiz Werneck de Castro, Presidente do Tiro de Guerra 475, recebeu do Sr. João Thomé, Presidente do Estado do Ceará o seguinte telegrama: Fortaleza, 29.-Recebi ontem do Banco do Brasil cinco contos de réis que por intermédio do Banco Nacional do Comércio, a diretoria do Tiro de Guerra 475 enviou para socorrer meus patrióticos flagelados.

Em nome dêstes, agradeço comovido generosidade nossos irmãos dessa florescente cidade e a feliz iniciativa do Tiro 475 que permitirá enxugar tantas lágrimas na quadra dolorosa que vamos atravessando. Afetuosas saudações - João Thomé - Presidente do Ceará.

A firma Lage & Irmão pretende fundar na capital do Estado um Banco, sob a dominação "Banco Sul do Brasil" que deverá ser inaugurado já em Fevereiro de 1920. Algumas firmas locais se prontificaram a participar na formação do capital do Banco. Uma filial dêsse Banco foi instalado, em fins de novembro de 1920, no prédio ao lado da Fábrica de Fósforo Busch (Hoje galeria Busch).

Em janeiro de 1920 chega a Blumenau o Dr. Amadeu Felipe da Luz, nomeado Juiz de Direito, na vaga do Dr. Pedro Silva, promovido a Desembargador.

No mesmo dia falece o Sr. Luiz Altemburg Senior, ilustre cidadão blumenauense e um dos mais antigos moradores de Blumenau, onde chegara em 1859, com a idade de 14 anos.

A 9 de fevereiro de 1920 falece Gustavo Salinger, com 71 anos de idade, tendo imigrado no Brasil em 1868.

*Curiosidade* : Na renovação de uma casa em Pôrto Alegre, foi encontrada uma telha, na qual se achava gravada a seguinte inscrição: Feita no dia 23 de fevereiro de 1770, na olaria de Pedro Lopes Soares, para João Rodrigues Diniz a Rs 8\$000 (CR\$0,08) o milheiro. E o "Blumenauer Zeitung" de 25-3-1920 comenta . - Que bons tempos aquêles- Hoje se paga mais de Rs 100\$000 (CR\$ 0,10) pelo milheiro. - E nós, o que diremos hoje?

*Fundação do Clube Nautico America* :

Noticia o "Blumenauer Zeitung" que, por iniciativa do então, Juiz de Direito, Dr. Amadeu Luz foi fundado nesta cidade, no dia 28-3-1920 um Clube de Regatas. Para tal fim havia chegado, a convite do Dr. Amadeu Luz, com o vapor "Blumenau" uma comissão do Clube de Regatas "Marcílio Dias" de Itajaí, tendo comparecido ao desembarque dos visitantes, grande número de pessoas.

Após os cumprimentos, realizou-se na sede do "Club Brasil" a Assembléia da fundação e a eleição da primeira Diretoria da nova agremiação. Tendo a comissão do clube de Regatas "Marcílio Dias" trazido consigo uma yóle que pôs à disposição do Club recém fundado, puderam ser iniciados sem tardar, os necessários treinos.

Mas, parece que êste Clube, fundado mais como uma filial do "Marcílio Dias", não teve o necessário apoio e caiu no esquecimento, pois o mesmo jornal "Blumenauer Zeitung" noticia em edição de 28 outubro de 1920, que sob a dominação - "Clube Náutico América" foi fundado nesta cidade, no dia 21 de outubro, um clube de regatas. Desta vez a grêmiação aquática venceu tôdas as dificuldades, que sempre se apresentam a novos empreendimentos pois durante êstes dez lustros de sua existência nesta cidade, tem trazido para sua sede, e assim, para a cidade de Blumenau, muitos troféus e honrosos títulos de campeões. Parabéns, pois ao Clube Náutico América e a todos os remadores que nêle atuaram nestes 50 anos de existência.

*Eleições:* Para a eleição de um Deputado Estadual, na vaga deixada pela renúncia do Sr. Marcos Konder, realizada em 28 de novembro de 1920, o Juiz de Direito, Dr. Amadeu Luz, dividiu a Comarca em 11 secções eleitorais, nelas distribuindo o número de eleitores existentes naquela época pela maneira seguinte :

1a. Secção - Sala da Câmara Municipal de Blumenau, com	120 eleitores
2a. Secção - Grupo Escolar Luiz Delfino, Blumenau, com	117 eleitores
3a. Secção - Escola Pública, Gaspar, com	76 eleitores
4a. Secção - Intendência de Indaial, com	100 eleitores
5a. Secção - Casa Luiz Isolani, em Ascurra, com	51 eleitores
6a. Secção - Casa da viúva Scoz em Rodeio, com	200 eleitores
7a. Secção - Escola Pública Bella Aliança (Rio do Sul)	112 eleitores
8a. Secção - Sala do Juizo de Paz Bella Aliança, com	110 eleitores
9a. Secção - Intendência Municipal de Hamônia (Ibiratuba)	19 eleitores
10a. Secção - Sala do Juizo de Paz, em Encruzilhada, com	153 eleitores
11a. Secção - Escola Virgílio Campestrini, Encruzilhada	153 eleitores

Total dos eleitores inscritos: 1.201 eleitores

---

No livro de Newton Stadler de Souza "O Anarquismo na Colônia Cecília" o seu autor afirma que o Dr. Hermann Blumenau manteve correspondência com o Dr. Giovanni Rossi, o fundador da citada colônia que foi uma tentativa de organização anarquista no Paraná e que teve por fim um triste fracasso. A ser verdadeira a afirmação, seria interessante conhecer-se o teor da correspondência trocada.

Apesar de não ser agrônomo, o Dr. Blumenau era profundo conhecedor de plantas, de seu cultivo e adubação.

## Uma das Primeiras Imigrantes

Já temos, mais de uma vez, publicado artigos de um velho blumenauense, hoje residente no Paraná, que tem entretido os nossos leitores com interessantes relatos sôbre a sua vida e a existência de Blumenau dos primeiros anos dêste século.



Hoje, publicamos a fotografia ao lado, que é da avó paterna do sr. Fernando Müller, nome do nosso prezado colaborador.

Essa senhora, Guilhermina Müller, nata Roessling, veio para Blumenau nos meados do século passado, tendo conhecido o Dr. Blumenau e com êle discutido por mais de uma vez. "Ela achava o fundador da Colônia rigoroso demais, pois chegava até a revistar as painelas das casas dos colonos para controlar o racionamento da carne verde". Foi espôsa de Johann Carlos Müller, lavrador e encadernador, avô do sr. Fernando Müller. Êste promete escrever para esta revista algumas reminiscências do tempo em que viveu em companhia dessa sua avó por cuja memória êle tem grande veneração.

---

## Homenageada a memória de um grande Catarinense

Aproveitando a passagem do Dia do Engenheiro, Blumenau prestou significativa homenagem a um dos seus mais ilustres filhos, inaugurando a 11 de dezembro, corrente, o busto em bronze de Emilio Baumgart.

Êsse grande catarinense é cognominado o "pai do concreto armado" porque foi o precursor das grandes construções nesse sistema. Com Emilio Baumgart, com as suas técnicas arrojadas e ousados projetos, foi que se iniciaram, no Brasil e no mundo, os grandes edificios em ferro e cimento. Tornando o Brasil pioneiro nesse gênero de construções, Baumgart projetou e construiu, no seu tempo, o maior edificio do globo, a sede da editôra "A Noite", à praça Mauá, no Rio de Janeiro. Também foram de sua autoria os edificios do Cine Capitólio, o primeiro em concreto armado, e dezenas de outros, todos notáveis pelo arrôjo dos planos e das técnicas usadas.

Emílio Baumgart nasceu em Blumenau a 25 de junho de 1889. Era neto, pelo lado materno, de outro grande engenheiro, abnegado e competente auxiliar do Dr. Hermann Blumenau na administração da Colônia, Emílio Odebrecht.

Fêz os estudos primários em sua cidade natal. Iniciou o ginasial em São Leopoldo, completando-o em Florianópolis, aprovado sempre com distinção e louvor.

Depois de sérias dificuldades para manter-se na capital da república, conseguiu o diploma de engenheiro civil pela então escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Casou-se em 1915, tendo dois filhos de seu matrimônio.

Entregou-se, então, sèriamente, ao estudo e execução de técnicas de construção em concreto armado, de que foi o pioneiro. Um articulista afirmou: "O concreto armado, um grande propulsor da civilização, coisa em que tôda gente fala, até porque nas cidades e nos campos, sôbre ou sob a terra, por cima e por baixo d'água, é mais uma criação de brasileiro" e de um catarinense, acrescentamos nós e filho de Blumenau.

São de Baumgart, além dos já citados, os projetos e cálculos das paredes do Açude de Orós, a ponte Maurício de Nassau, em Recife, a Stander Pipe, na Bahia, os hotéis Glória e Pálace, no Rio, o hangar de concreto no Campo dos Afonsos, no Rio, com arcos de cem metros de vão, a ponte de Joaçaba e muitos outros.

Um dos seus biógrafos disse com muita propriedade: "Neste Rio monumental, onde se multiplicam os prédios de concreto armado, dir-se-ia que Emílio Baumgart mora em tôda parte: cada colosso que se ergue é, por assim dizer, uma homenagem ao seu trabalho, um monumento à sua memória".

Homenageando a memória dêsse seu filho tão ilustre, que se constituiu numa legítima glória da engenharia mundial, foi que Blumenau levantou-lhe um monumento condigno, em belo recanto de uma das suas praças públicas.

Na próxima edição dos "Cadernos" publicaremos um clichê do busto inaugurado.

---

## ÍNDICE DO TOMO XI

Nova caminhada - Redação	1
Hermann Blumenau - Enéias M. de Barros	2
Blumenau e a sua imprensa - J. Ferreira da Silva	4/36/41/76/87/114/126/145/171/186/208/227
Reminiscências - H.P. Zimmermann	4/24/52/69/95/110/138/149/177/198/217
No sesquicentenário do fundador - Redação	16
Rodeio e seu desenvolvimento - Jacó Furlani	18
A nossa capa - Redação	20
O naufrágio de "Potosi" - Fernando Müller	21
Estante dos "Cadernos" - Redação	27/211
"Do meu caderno de recordações" - Ayres Gevaerd	28/54/72/93/224
Arquivos em foco - Sebastião Cruz	31/48
Achegas ao folclore do Vale do Itajaí - Redação	56
O afundamento do "Macau" - Bruno Hildebrand	59
Ascurra - Redação	61

Gustavo Hacklaender - Gustavo Konder	66
Mais achegas para o nosso folclore - Helmut Poeper	71
Salentien, um dos pioneiros - J. Ferreira da Silva	81
Influência alemã no município de Itajaí - Gustavo Konder	84
Um pouco mais sobre bugres - Redação	97
55º Batalhão de Caçadores - Redação	98
Coisas do destino - Redação	100
O Itajaí - J. H. Girão	101
Franz Pfitzenreuter e sua viagem para a nova pátria: o Brasil	102
Uma história secreta agora revelada - Gustavo Konder	104
A morte de Johanna Rinnert - Alfredo Cardoso	106
Um dos primeiros - Redação	107
Jules Henry e o Vale do Itajaí - Redação	109
Primeiros proprietários de lotes da freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar - Redação	113
Cartas aos leitores - Redação	117
Comovente adeus - Redação	119
Um benemérito mestre-escola - Redação	120
Armas do Balneário Camboriú - Edison Mueler	121
Médicos e Curandeiros - Fernando Mueler	128
Recordar é viver - Gustavo Konder	135
A namorada Selvagen - Alfredo E. Cardoso	137
Relato do cônsul Roberto von Trompowski - Redação	141
Recordações de Blumenau de ontem - Fritz Reimer	144
Praia de Armação - Gustavo Konder	152
Um dos primeiros imigrantes - Redação	154
O Itajaí Açú, rio amigo - Teobaldo Costa Jamundá	156
Minha primeira escola - Fernando Mueler	157
Um casamento pouco comum - Redação	160/179
O primeiro assalto dos indígenas à colônia de Blumenau - Karl Kleine	161
Uma viagem acidentada - Fernando Mueler	168
Reconstituindo um longínquo passado - Gustavo Konder	174
Efeitos da revolução de 1823 em Brusque - Ayres Gevaerd	180
Coronel Gustavo Lebon Regis - Gustavo Konder	181
Agraciado com a ordem do Mérito da República Federal da Alemanha o Diretor de "Blumenau em Cadernos" - Redação	189
Província de Santa Catarina no Sul Brasil - F. Sallentien	191
Descende dos Mueller o novo governador do Estado - Carlos O Seara	196
Um terrível assalto de bugres - Redação	200
Um gesto magnânimo - Gustavo Konder	201
Museu arquidiocesano Dom Joaquim: 10 anos - P. Raulino Reitz	203
Armas de fogo no museu Azambuja em Brusque - P. Raulino Reitz	204
O historiador e o poeta - Alfredo Campos	212
Transformação étnica e social do imigrante e da língua alemã - Carlos Ficker	214
Uma crônica interessante - Redação	219
Aos nossos amáveis leitores - Redação	221
Um extrato das reportagens de C. Koseritz - Gustavo Konder	222
Destino de indígenas - Redação	230
Dr. Luiz B. Paes Leme - Ayres Gevaerd	232
Blumenau há 50 anos - Frederico Kilian	235
Uma das primeiras imigrantes - Redação	238
Homenageada a memória de um grande catarinense - Redação	238

Comunicamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude do alto custo da impressão deste periódico, a assinatura anual de "BLUMENAU EM CADERNOS" passará a custar Cr\$ 10,00. Agradecemos a compreensão e a cooperação de todos.

A DIREÇÃO.

**DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.**

*Rua XV de Novembro, 25 — Caixa Postal, 157*

Telegrs.: "DISTRIBUIDORA"

Fones: 22-0825 e 22-0827

BLUMENAU - S. C.

**"TECIDOS E ARTEFATOS DAS MELHORES FÁBRICAS TÊXTEIS DO PAÍS"**

VENDAS SÔMENTE POR ATACADO

# **COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER**

BLUMENAU — Santa Catarina  
Caixa Postal, 4 — Telegramas: "CIASCHRADER"

110 anos de tradição no comércio do  
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas  
Rua 15 de novembro n.º. 117  
Telefones: 22-0411 - 22-0736

Depósitos: Rua Itajaí, 260  
Telefone: 22-0429

**Oficina mecânica especializada "MERCEDES-BENZ"**

Rua Itajaí, 625  
Telefone: 22-0450

Revendedores de Chassis e Peças "MERCEDES-BENZ";  
Lubrificantes "MOBILOIL"; pneus e câmaras de ar  
"DUNLOP" e "PIRELI".

**Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e  
SANTA CRUZ - Cia. de Seguros Gerais.**

Telefone: 22-1024